

Krenak quer ajudar os colonos expulsos

Índio pede reassentamento das 87 famílias de produtores retiradas de sua aldeia neste ano

Ana Lúcia Gonçalves
DA SUCURSAL

RESPLENDOR - Uma lição de amor. Esta é a definição dada por autoridades e moradores de Resplendor, no Vale do Rio Doce, ao gesto do índio Waldemar Krenak, 37 anos, que tenta ajudar as 87 famílias de produtores rurais retiradas da aldeia Krenak, em maio deste ano. Waldemar é filho de Jacó Krenak, que morreu em 1972 após ser retirado de Resplendor e ser levado para a Fazenda Guarani. Jacó teria morrido de tristeza aos 72 anos. "Meu pai ficou muito triste na Fazenda Guarani. Deu caroço no estômago e morreu", contou emocionado.

As famílias foram retiradas da aldeia indígena Krenak no início deste ano, em cumprimento a determinação do Supremo Tribunal Federal. A ação de reintegração de posse, impetrada pela Funai, levou 10 anos para ser julgada e quatro para ser cumprida. A retirada dos colonos comoveu o Estado.

"Durante o tempo que morei no Krenak com os não índios, meu trabalho foi sempre de fazer a união, a paz. Muitas pessoas retiradas da área não têm nada e não podem ser tiradas dessa maneira. O Governo demarcou a terra Krenak, em 1920, depois retirou os índios da área sem a titulação das terras. Então muitos posseiros compraram essas áreas. O Governo tem que arrumar uma solução para cada posseiro que saiu. Principalmente o Incra e a Ruralminas", disse.

Waldemar Krenak contou à reportagem do HOJE EM DIA que está tentando arrumar uma área para cada uma das famílias de colonos. Ele pedirá ajuda ao primo Ailton Krenak, presidente do Núcleo Nacional de Cultura Indígena, e ao secretário de Indústria e Comércio, Antônio José Moreira e prefeito da cidade, Gilmar Furtado Dias (PL).

JACK ZALCMAN



O gesto de solidariedade do índio Waldemar Krenak sensibilizou a comunidade de Resplendor

Busca de união em Resplendor

RESPLENDOR - Apesar da preocupação, Waldemar Krenak, 37 anos, não acredita em uma convivência harmônica entre índios e colonos dentro da área Krenak devido ao amor do índio pela terra e às diferenças culturais. Também não há, segundo ele, espaço para assentamento das famílias na área. "A área já está sendo demarcada. Nossa preocupação é de tentar um lugar para os colonos junto ao Incra, porque ele tem muitas terras e pode arrumar um local e recursos para comprar área para nossos amigos", afirmou.

"Meu povo foi retirado na marra, amarrado, algemado e alguns espancados na década de 70, mas não quer dizer que foram os fazendeiros que fizeram isso. Foi o Governo, através da Polícia Militar. Nós saímos, eu

senti muito e perdi meu pai, que morreu triste e doído para voltar para o watu (Rio Doce)", conta.

Waldemar lembra que, depois disso, sua luta foi grande. Ele teve que ir para o posto indígena de Vanuíre, em São Paulo, área de outros índios, mas com grande quantidade de Krenak que saíram do Rio Doce. Lá, trabalhou e estudou. "Voltei com o objetivo de conscientizar todo o meu povo que os fazendeiros são nossos amigos. Não queremos briga com ninguém e sim paz, união e conviver juntos", disse.

"Vamos nos juntar e ir até o Governo e tentar assentar o pessoal com dignidade porque eles merecem. Estou à disposição para trabalhar junto com eles, porque nós queremos que esses amigos nossos que saíram de lá sejam assentados", disse o índio.

Waldemar Krenak não acredita em possível confronto com a Funai ou com seu povo, por ter tomado a decisão de ajudar os fazendeiros. "Temos uma comunidade Krenak que mora aqui em Resplendor. Temos que ter uma boa relação com a cidade e região porque vamos ficar o resto da vida aqui. Nós precisamos de Resplendor e de Conselheiro Pena e por isso temos que manter essa união", disse.

O administrador da Funai em Governador Valadares, Wilton Madson Andrada, informou que a Funai sempre se preocupou com a questão e que os colonos pobres devem ser assentados. "A Funai cumpriu determinação da Justiça. Fez o que tinha que ser feito porque a área é dos índios", disse.